

A AMAZÔNIA EM CHAMAS E A PERFORMANCE ARTE: ATRAVESSAMENTOS DA AÇÃO HUMANA NO MEIO AMBIENTE

Jaqueline D. Molossi

Luana F. R. Cairrão

RESUMO

Muitos acontecimentos noticiados no Brasil no ano de 2019, lamentavelmente, estavam relacionados a desastres ambientais decorrentes de ações humanas. Dentre eles, os principais referiam-se a desmatamentos e queimadas na floresta Amazônica. Para tanto, a escrita do presente texto refere-se a uma pesquisa de criação em Performance Arte, a qual trata da nociva interferência humana na Amazônia e resultou na Performance “Amazônia em Chamas”. Para tal, o estudo discute questões políticas nas manifestações artísticas contemporâneas sob o viés do “artivismo”. O texto atravessa os procedimentos metodológicos de criação ressaltando que o trabalho, apesar de ter sido realizado em 2019, segue atual e reinventa-se à proporção que medidas emergenciais alusivas ao meio ambiente se fazem cada mais necessárias. A pesquisa foi amparada por autores como... Biancalana, Castanheira, Chama, Fabião, Guattari e Mourão.

PALAVRAS-CHAVE

Performance Arte; Criação; Amazônia; Meio Ambiente **.

Introdução

O conhecimento e utilização dos recursos naturais do Planeta Terra são fundamentais para o desenvolvimento das sociedades e para a preservação da natureza. As questões relacionadas à preservação ambiental preocupam os representantes de órgãos responsáveis no mundo inteiro, assim como os ativistas ambientais. Assim, o Brasil, infelizmente, tem ocupado a cena da imprensa mundial devido à negligência governamental em relação às florestas nacionais, especialmente a Amazônica. Nesse sentido, a presente escrita evidencia uma ação em Performance Arte que procurou produzir uma crítica reflexiva sobre os frequentes e progressivos números de queimadas e desmatamentos na Floresta Amazônica, principalmente aquelas ocorridas no ano de 2019 que foi o mote da criação.

A obra em questão intitula-se “Amazônia em Chamas” e resultou do impacto das notícias divulgadas pela imprensa nacional e internacional na performer. Essas notícias tratam de desastres ambientais provocados pela ação humana e atuam em prol de interesses essencialmente capitalistas. As análises de tais notícias apontam para catástrofes, como excessivos registros de desmatamentos e queimadas, expulsão de populações nativas da floresta, terraplanagens de terras e aumento da criação de gado e de plantações geneticamente modificadas. Tais ações visam implicar maiores produtividades comerciais e, conseqüentemente, maiores lucros. Guattari em as três ecologias diz que “ não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não se em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais” (Guattari, 1990, p. 9)

A performer, conclama o potencial reivindicador da Performance Arte ao propor um olhar para questões de cunho político-ecológico. Portanto, a reflexão escrita ampara-se, ainda, sobre a ação proposta esbarra no conceito de “ativismo” proposto por Miguel Chaia (2007). O termo “ativismo”, entre outras expressões semelhantes, como “arte ativista”, “política da arte” e “arte engajada” foram cunhadas por outros autores, entretanto, assumem o mesmo sentido: referem-se ao caráter político-reivindicador e emergencial de determinadas manifestações artísticas. Desse modo, o processo criador em questão traz em seu âmago um forma de abordar artisticamente uma temática que pressupõe medidas coletivas de urgência.

Desenvolvimento

As constantes reportagens divulgadas como bombardeio, no ano de 2019, sobre a destruição da floresta Amazônica atravessaram o corpo da artista como flechas. Nesse contexto conturbado, tornou-se necessário o agenciamento de um processo laboratorial anterior à ação performativa para que houvesse uma organização e consciência das sensações corporais da performer causadas pelas tragédias retratadas nas notícias. As conseqüentes reflexões sobre um possível processo, naquele momento, partiram do princípio de que o ser humano também é parte integrante da natureza. Esse pensamento desemboca na noção de que, na verdade, destruí-la é autodestruir-se. Com isso, a performer definiu que suas ações estariam pautadas na idéia de corpo-árvore. Para tanto, a artista confeccionou uma vestimenta marrom, parecida com o tronco de uma árvore. Vesti-la pareceu trazer a tona a sensação de pertencer à natureza. Essa sensação parece que vem sendo corroída pelo artificialismo dos mundos urbanos contemporâneos.

Também é de suma importância afirmar que a apresentação da ação performativa foi pensada, nesse período que a antecedeu, a partir do conceito de programa performativo proposto por Fabião (2013). Conforme afirma a autora, “o programa performativo é o enunciado de performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a serem realizadas pelo artista...” (Fabião, 2013, p. 4). Com base nesse conceito proposto por Fabião, Castanheira (2018) revisita-o e orienta que “a proposta dos programas performativos é de que sejam escritos antes da realização da performance, como mapas de ações, detonadores criativos a serem traídos, rasgados, dobrados.” (Castanheira, 2018, p. 47). Com base nisso, a performer-autora elaborou um percurso para si elencando alguns pontos que norteariam o acontecimento da performance. Eles são separados em tópicos e cada um contém uma palavra sucinta de descrição. São eles: árvore e os verbos ventar; estalar; cair; rolar; queimar; recolher; ficar.

Nesse sentido, os momentos antecessores à ação performática foram essenciais. Dessa forma, Biancalana (2014) explana que

as performances artísticas, mesmo que se materializem no momento de sua existência, emergem como parte de uma gama de experiências anteriores como pesquisas realizadas, procedimentos laboratoriais, entre outras do ser, pensar, sentir, e agir humanos, contribuindo para que aquele acontecimento se materialize no aqui agora. (BIANCALANA, 2014, p. 226).

A Performance consistiu, inicialmente, em um deslocamento repetitivo e muito lento em forma de caminhada, a partir do qual a performer adentrou o espaço-tempo da ação. Enquanto esse deslocamento acontecia, algumas folhas pontualmente colocadas em sua mão, caíam no chão. Assim, ao cessar o lento caminhar inicial, passou a executar intensas contrações musculares por todo o seu corpo, até que as mesmas fizessem com que a artista colapsasse ao chão pela exaustão. Deitada ao solo, as contrações musculares diminuem ao passar do tempo de formas isoladas e a performer se manteve respirando ofegantemente para encerrar somente quando o público determinasse o fim da ação. O corpo natureza resiste, permanece vivo em sua fragilidade diante do embate com forças aparentemente ocultas. A destruição é apenas sentida pelo corpo. O trabalho foi de explicitar sensações de um corpo que se sente natureza diante de outros. Distante da ideia de ilustrar o fogo ou contar uma história da arvorezinha que foi destruída. O corpo performativo opta pela simplicidade de acionar suas sensações ao ouvir ininterruptamente os noticiários das mídias.

De acordo com essas colocações, a ocorrência da Performance também aponta para a observação de como a ação se prolonga quando chega ao público. Segundo Fabião (2009), o performer constrói, propositalmente, relações com o que lhe incomoda realizando suas reflexões ou evocando suas sensações. Dessa forma, esses incômodos funcionam como imagens internas do performer que podem contribuir para formular o percurso performativo. Com base nisso, é imprescindível afirmar que a essência irreverente e transgressora das ações performáticas pode causar estranhamento. Acerca dessa ideia, Fabião (2009) afirma que a Performance costuma aparecer como, “no mínimo uma pedra no sapato que nos faz parar, descalçar, sacudir e voltar a caminhar com novas percepções do pé, do terreno em que se pisa, do calçado que se escolhe usar ou quase pode comprar.” (Fabião, 2009, p. 242). Na esteira desse pensamento, ao tratar dessa arte transgressora que surpreende o espectador, Mourão (2015) enfatiza que, muitas vezes, a

arte moderna e contemporânea não quer tornar as coisas melhores, mas piores, e não relativamente piores, mas radicalmente piores – tornar as coisas funcionais em disfuncionais, para trair expectativas, para demonstrar a presença invisível da morte onde tendemos a ver a vida. (MOURÃO, 2015, p. 55).

Assim, evidencia-se que as artes diferenciam-se de acordo com distintos espaços-tempos em que se inserem e às diferentes perspectivas historiográficas apresentadas pelos pesquisadores. Os diferentes ambientes socioculturais e contextos políticos também atuam sobre os saberes e fazeres artísticos. Então, considera-se a importância da arte classificada como “ativismo”, ao abordar assuntos de caráter reivindicador aqui representados pela defesa do meio ambiente. Consoante com o que afirma Mourão (2015), também vale notar que nos diferentes regimes políticos, há obras que se encaixam em suas lógicas de poder, porém, há outras que não. Essas últimas, acabam sendo censuradas, excluídas ou proibidas. Por isso, o referido autor defende que é fundamental a criação artística dotada de “performatividade marcante de contrapoder” (Mourão, 2015 p. 55), já que a arte, por algumas vezes, pode ser uma das poucas formas possíveis de reivindicação de direitos.

Considerações finais:

A ação “Amazônia em Chamas” é, portanto, o resultado de uma pesquisa realizada no Trabalho de Final de Curso, em Performance Arte, e que tratou de questões ambientais e políticas. Ao abordar o conceito de “ativismo”, a autora pretende enfatizar a importância e a urgência do assunto proposto, convidando o público para uma profunda reflexão e embate referentes a temática da destruição ambiental, especialmente na floresta Amazônica. Assim, o “ativismo”, com o intuito

proporcionar ainda mais visibilidade a questões que anseiam por mudanças e melhorias, questiona e reivindica situações ao público. A Performance Arte, enquanto manifestação transgressora e livre de amarras estéticas, pode contribuir com essa arte que pretende ser essencialmente política, e também, esboçar caráter de urgência.

Para tanto, a noção de corpo-árvore trabalhada pela performer busca trazer realidade e certa irreverência à ação performativa. Ao experimentar na carne às sensações de profundo mal estar, de sufocamento e de perda de pedaços ela ativa a potência do corpo vivo e presente em estado de arte. A destruição, ou melhor, o fato evidenciado de que a humanidade destrói a si mesma em nome das necessidades e interesses da economia mundial globalizada se revela pela ação do corpo. Assim, torna-se notável que as queimadas e desmatamentos na floresta Amazônica seguem exigindo atenção e urgência conjuntas cada vez maiores, principalmente das autoridades competentes.

Referências bibliográficas

BIANCALANA, Gisela Reis. **A inserção do conhecimento artístico no corpo performativo**. InIn.: TAVARES, Enéias Farias; BIANCALANA, Gisela Reis; MAGNO, Mariane (Orgs). **Discursos do corpo na arte**. VOL. I. Santa Maria: Editora UFSM, 2014.

CASTANHEIRA, Ludimila. **Performance arte: modos de existência**. Curitiba: Appris, 2018.

CHAIA, Miguel. **Artivismo- Política e Arte Hoje**. Aurora, São Paulo, v. 1, p. 09-11, 2007.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. In.: Revista USP, sala preta, São Paulo, 2009.

_____. **Programa performativo: o corpo em experiência**. Revista Lume, Nº 4, dez, 2013.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**; tradução Maria Cristina F. Bittencourt. – Campinas, SP : Papyrus, 1990.

MOURÃO, Rui. **Performances artistas: incorporação Duma estética de dissensão numa ética de resistência**. In.: Revista de Arte e Antropologia, v. 4. Nº 2/2015, p.53-69.